

TATIANNE SILVA SANTOS

COLEÇÃO LITERATURA PARA INFÂNCIAS

QUANDO NASCEM OS QUILOMBOS



TATIANNE SILVA SANTOS

COLEÇÃO LITERATURA PARA INFÂNCIAS

QUANDO NASCEM OS QUILOMBOS

Elias de Pádua Monteiro

Reitor do IF Goiano

Luciano Carlos Ribeiro da Silva

Pró-reitoria de Extensão

Geísa D'Ávila Ribeiro Boaventura

Pró-reitoria de Ensino

Gilson Dourado da Silva

Pró-reitoria de Administração

Ana Maria Rodrigues de Resende

Pró-reitoria de Gestão de Pessoas

Alan Carlos da Costa

Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação

Equipe do Núcleo da Editora IF Goiano

Sarah Suzane Bertolli

Coordenadora Editorial

Daiane de Oliveira Silva

Assessora Técnica

Ana Paula Oliveira Sousa

Assessora Editorial

Revisão textual

Bárbara Rayne Nunes Cardoso (Coelum Editorial)

Projeto gráfico e diagramação

Bruna Ranyne Nunes Cardoso (Coelum Editorial)

Capa

Dhandara Entreportes (Coelum Editorial)

Ilustrações

Criadas com uso de IA generativa no Gemini

Bibliotecária responsável

Daiane de Oliveira Silva

Esta obra é parte dos resultados do Projeto de Extensão Escola Quilombo – Curso de Aperfeiçoamento em Educação Escolar Quilombola: formação de gestores e docentes para a educação das relações étnico-raciais, desenvolvido pelo Instituto Federal Goiano em parceria com a Coordenação-Geral de Educação Escolar Quilombola, vinculada à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (SECADI/MEC).

As atividades de pesquisa, escuta, registro e sistematização de narrativas, experiências e práticas educativas que deram origem a esta obra foram realizadas em consonância com os preceitos éticos estabelecidos para pesquisas envolvendo seres humanos, tendo sido aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme Parecer Consubstanciado nº 7.954.830 e CAAE: 93147625.1.0000.0036

Tatianne Silva Santos

Coordenadora do Projeto de Extensão Escola Quilombo – Curso de Aperfeiçoamento em Educação Escolar Quilombola: formação de gestores e docentes para a educação das relações étnico-raciais

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) – Instituto Federal Goiano

S237g Quando nascem os quilombos / Tatianne Silva Santos. - 1. ed. - Goiânia: IF Goiano, 2026.
19 p., il.

ISBN (e-book): 978-65-87469-99-7
ISBN (impresso): 978-85-65871-70-9

Coleção literaturas para infâncias

1. Educação Escolar Quilombola. 2. Resistência Negra Comunidade Cedro. 3. Ancestralidade Afro-brasileira. 4. Quilombos. 4. Literatura Infantil Antirracista. I. Dionísio, Mara Núbia. II. IF Goiano. III. Título.

CDU: 82-93:37(=96)(81)

Ficha elaborada por Daiane de Oliveira Silva – Bibliotecário/CRB 1 nº 2685

PREFÁCIO

Em 2025, atendendo ao chamado da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (Secadi/MEC), o Instituto Federal Goiano (IF Goiano) respondeu à carta convite da Coordenação-Geral de Educação Escolar Quilombola com um projeto que nasceu do desejo de aprender com quem guarda, há séculos, o segredo da resistência e da vida coletiva. Assim surgiu a Escola Quilombo – Curso de Aperfeiçoamento em Educação Escolar Quilombola: formação de gestores e docentes para a educação das relações étnico-raciais no âmbito das comunidades quilombolas de Goiás.

Foi desse chão fértil, tecido de parcerias, trocas e escutas, que brotou a pesquisa “Cultura negra em sala de aula: memórias quilombolas em perspectiva etnográfica para uma educação antirracista”, e dela, este livro, *Quando nascem os quilombos*, surge como semente que deseja florescer nas salas de aula, nas bibliotecas, nos lares, bem como nas rodas de leitura e de afeto.

Há muito tempo, pessoas africanas foram arrancadas de suas terras e trazidas ao Brasil como se fossem mercadorias. Essa violência atravessou séculos, atravessou corpos, atravessou o tempo. No entanto, nunca conseguiu apagar por completo os nomes, os cantos, as crenças, as línguas e os gestos de quem resistiu. Este livro começa nesse ponto: onde a liberdade foi levada, mas onde também começou a se refazer.

A história aqui narrada é real, mas contada com lirismo. A linguagem foi escolhida com o cuidado que se tem ao falar com crianças. O livro toca em temas profundos – escravidão, resistência, ancestralidade – com delicadeza e respeito. Isso porque a infância tem o direito de saber.

Os quilombos são apresentados como espaços de reconstrução, onde a liberdade voltou a brotar mesmo em tempos sombrios. Por meio dos capítulos, as crianças poderão acompanhar essa travessia: da perda à luta, da fuga à criação, do passado à permanência, pois os quilombos não ficaram no tempo – eles ainda existem, são reais, vivos e diversos, estão no campo e na cidade. E, assim, continuam dizendo ao mundo que o povo negro resiste – em comunidade, em cultura, em dignidade.

Este livro deseja acompanhar os passos da educação escolar quilombola, fortalecendo o compromisso com a valorização da história e das culturas negras no Brasil. Ele serve como material de apoio, como ponto de partida para conversas significativas, como ponte entre saberes e afetos.

Mais do que informar, esta obra pretende contribuir com a formação de pequenos leitores para que vejam o mundo com mais sensibilidade, respeito e consciência. Que saibam, desde cedo, que toda dor e história merecem ser lembradas, e que toda luta por liberdade merece ser honrada, ainda que tentem apagá-las.

Que este livro possa chegar às mãos de muitas crianças. Que encontre professores atentos, famílias curiosas, escolas abertas ao diálogo. Que provoque perguntas e reflexões.

E que cada pessoa que o leia entenda: contar essa história é também continuar escrevendo o que vem depois dela.

Tatianne Silva Santos



CAPÍTULO 1

QUANDO A LIBERDADE FOI LEVADA

Muito antes do tempo que as crianças conhecem hoje, existiam terras distantes, onde famílias viviam em paz, com suas histórias, línguas e costumes. Eram povos diferentes entre si, vivendo em aldeias, cidades ou reinos do vasto continente africano.

Ali, crianças aprendiam a cantar com os mais velhos, a cuidar da terra, a preparar alimentos, a respeitar os deuses e os ancestrais. Sabiam quem eram, sabiam de onde vinham, sabiam a quem pertenciam.

Contudo, em certa época, homens estrangeiros começaram a capturar pessoas dessas terras, que eram levadas à força até grandes navios que cruzavam o oceano. Nessas embarcações escuras e apertadas, os corpos ficavam amontoados, com fome e sede, sem espaço para respirar direito. Muitos adoeciam. Muitos não sobreviviam à travessia.

Aqueles que conseguiam chegar ao Brasil eram tratados como mercadoria. Ficavam expostos em feiras e eram examinados como objetos, sem nenhum respeito. Recebiam novos nomes e perdiam os antigos. Eram vendidos para trabalhar sem escolha e sem direito algum.

O tempo do descanso era curto; o tempo da dor, longo. Dormiam em lugares sujos, comiam o suficiente apenas para continuar de pé. Homens, mulheres e crianças eram obrigados a servir. E as mulheres, além do trabalho pesado, enfrentavam violências ainda maiores.

Os dias eram marcados por castigos, gritos, cansaço e medo. No entanto, mesmo ali, entre as paredes das senzalas, algo dentro delas permanecia aceso. Um sentimento miúdo, difícil de apagar. Algo parecido com coragem.

Contudo, mesmo com tanta dor, o que existia dentro delas continuava forte: a lembrança de quem eram. Seus nomes, suas músicas, suas crenças, suas esperanças.

CAPÍTULO 2

O CORAÇÃO QUE NÃO SE CALAVA

Mesmo diante de olhos vigiados por senhores, o coração das pessoas negras continuava batendo. E batia com força, como se quisesse lembrar que a vida ainda estava ali, dentro delas.

Nas horas escondidas do dia, surgiam gestos pequenos que diziam muito: uma palavra em outra língua, uma dança contida, uma reza sussurrada no escuro. Entre as sombras da noite, corpos se balançavam discretamente, relembrando o que haviam aprendido antes da escravidão.



guardadas na memória. A música, a fé, as crenças e as histórias continuavam a viver, mesmo quando proibidas.

Em muitas casas, as imagens dos santos se misturavam com os orixás. As festas pareciam simples aos olhos dos senhores, mas carregavam segredos antigos: comidas que curavam, cores que protegiam, cantos que ensinavam.

Esses momentos de encontro mantinham a memória viva. A força do grupo, mesmo em segredo, fazia brotar algo novo: a esperança.

Era uma esperança pequena, tímida, mas firme. Crescia aos poucos, como semente que ninguém vê, mas que insiste em nascer mesmo em terra dura.

A liberdade ainda não havia chegado, mas já morava nos pensamentos. O desejo de um lugar livre, onde ninguém mandasse e todos pudessem viver com dignidade, já pulsava no peito de muitos.

E esse desejo, aos poucos, começaria a caminhar.

CAPÍTULO 3

O SOM DA FUGA

Nas noites mais silenciosas, quando a lua ficava alta e as estrelas se escondiam atrás das nuvens, alguns passos começavam a ecoar pela terra molhada. Eram passos apressados, cuidadosos, mas cheios de coragem.

As pessoas que não suportavam mais o cativeiro fugiam em busca do desconhecido. Não levavam quase nada – só o que cabia no corpo e na memória. Às vezes, fugiam sozinhas, outra vez em grupo. Entretanto, todas levavam dentro de si o mesmo desejo: encontrar a liberdade.

As florestas se tornavam caminhos e esconderijos. Os rios ajudavam a apagar rastros. As árvores, as montanhas, os ventos pareciam querer proteger quem corria. Era como se a natureza soubesse quem precisava de abrigo.



Durante as fugas, os perigos eram muitos. Soldados e capitães do mato perseguiram os que escapavam. Quando conseguiam escapar do alcance dos senhores, os fugitivos buscavam um lugar seguro para recomeçar. Juntavam-se a outros e formavam pequenas comunidades escondidas nas matas. Eram o que chamavam de mocambos e, depois, de quilombos. Lugares onde a liberdade não era só um sonho, mas sim uma forma real de viver.



CAPÍTULO 4

O REINO DA LIBERDADE

Nos quilombos, as pessoas encontravam aquilo que há muito tempo lhes havia sido tirado: o direito de decidir como viver. Era como se um novo mundo começasse a nascer ali, no coração da floresta.

As tarefas eram divididas com justiça, todos ajudavam. Havia quem plantasse, quem cuidasse da comida, quem ensinasse, quem protegesse. As crianças brincavam livres entre os galhos e aprendiam com os mais velhos as histórias que não estavam nos livros.

Os tambores voltavam a ser ouvidos, agora em festa. As músicas eram de alegria, mas também de atenção, porque o perigo nunca desaparecia por completo. As forças coloniais tentavam destruir os quilombos, mas muitos resistiam bravamente.

O maior de todos foi o Quilombo dos Palmares, onde viveram milhares de pessoas. Lá, havia casas, plantações, organização e luta. Um de seus maiores líderes foi Zumbi, símbolo da coragem e da união.



Zumbi não lutava sozinho. Ao seu lado estavam homens, mulheres e crianças, que se recusavam a voltar à escravidão. Cada quilombo era feito de muitas mãos. E cada pessoa ali sabia que liberdade era algo a ser construído todos os dias.

Mesmo quando destruídos, muitos quilombos voltavam a surgir em outros lugares, pois a vontade de ser livre era como o vento: ninguém podia prender.



CAPÍTULO 5

OS QUILOMBOS DE AGORA

O tempo passou, os navios negreiros não navegam mais. As correntes se romperam e a escravidão foi, enfim, abolida. Contudo, a história não terminou, nem os desafios.

Muitas pessoas negras, depois da abolição, não tinham para onde ir. Não receberam terras, nem ajuda, nem direitos. Foram deixadas à margem, como se a liberdade bastasse para consertar séculos de dor. E foi nos quilombos que muitas delas encontraram abrigo.

Esses quilombos continuaram a existir. Cresceram, mudaram, resistiram.

Hoje, em muitas regiões do Brasil, ainda existem comunidades quilombolas. São lugares onde vivem os descendentes daqueles que lutaram pela liberdade no passado. Essas pessoas seguem juntas, como grandes famílias, unidas pelo mesmo desejo: viver com dignidade, lembrando de onde vieram.



Há quilombos que ficam na zona rural, onde o cuidado com a terra é parte da vida. Ali se planta, se colhe, se compartilha. Os saberes antigos seguem vivos, passados de geração em geração.

Mas os quilombos não estão só no campo. Também existem quilombos urbanos, no meio das cidades. Mesmo entre prédios e ruas movimentadas, ali também mora a resistência. O sentimento de pertencimento, os costumes, os cantos, a força da coletividade – tudo continua pulsando. Isso porque ser quilombola é continuar dizendo ao mundo: “nós estamos aqui”, com história e com memória...



Essas comunidades são a prova de que o tambor da liberdade nunca se calou. Ele ainda bate, firme, contando ao mundo que o povo negro resistiu, resiste e continuará resistindo.

SOBRE A AUTORA

Tatianne Silva Santos é goiana, mãe, pesquisadora e educadora. Dedicar-se ao estudo e à valorização das comunidades quilombolas, atuando na produção de livros paradidáticos e em ações voltadas à educação para as relações étnico-raciais e à educação escolar quilombola, temáticas sobre as quais também pesquisa e publica.

É doutora em Performances Culturais, mestra em Ensino na Educação Básica e especialista em Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

Servidora do Instituto Federal Goiano, desenvolve trabalhos e projetos voltados à inclusão, à diversidade étnico-racial e à valorização das memórias e dos saberes das comunidades tradicionais na educação e na literatura.

1º edição Goiânia-GO
Tipografia Inter

MUITO ANTES DO TEMPO QUE CONHECEMOS, HISTÓRIAS DE CORAGEM E RESISTÊNCIA COMEÇARAM A SER ESCRITAS. HISTÓRIAS DE PESSOAS QUE, MESMO DIANTE DA DOR E DO SOFRIMENTO, MANTIVERAM VIVA A MEMÓRIA, OS MODOS DE VIDA, AS TRADIÇÕES E O SONHO DE LIBERDADE.

EM QUANDO NASCEM OS QUILOMBOS, A INFÂNCIA É CONVIDADA A PERCORRER UM CAMINHO DE DESCOBERTAS= DA TRAVESSIA FORÇADA DOS NEGROS ESCRAVIZADOS À ADAPTAÇÃO DIANTE DO NOVO, DA RESISTÊNCIA SILENCIOSA AO SURGIMENTO DE COMUNIDADES ONDE A LIBERDADE SE TORNOU POSSÍVEL.

É UM LIVRO QUE CONVIDA LEITORES A CONHECER E RECONHECER O VALOR E AS LUTAS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS QUE FAZEM PARTE DA HISTÓRIA DO BRASIL.

